

Institute for Christian Teaching
Education Department of Seventh-day Adventists

**COMPARAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO MORAL NA PERSPECTIVA
PIAGETIANA E NA PERSPECTIVA DE ELLEN WHITE**

Por
Haller Elinar Stach Schünemann
Professor de Psicologia e Filosofia
Faculdade Adventista de Educação
Instituto Adventista de Ensino

Preparado para
The Integration of Faith and Learning Seminar
Realizado no
Instituto Adventista de Ensino - São Paulo
Julho de 1994

227-94 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA

Comparação do desenvolvimento moral na perspectiva de J. J. Piaget e na perspectiva de Ellen White.

Este ensaio tem como objetivo procurar integrar e discutir uma importante visão contemporânea sobre o desenvolvimento moral da criança, que é a visão cognitivista baseada em Piaget, com a visão de mundo adventista e sua particular filosofia educacional. A necessidade deste ensaio está ligado ao fato de os adventistas do sétimo dia terem uma preocupação especial com a educação, dentro de valores religiosos. A moral é um aspecto central em uma visão religiosa do mundo. Embora a moral religiosa tem um claro: "Assim diz o Senhor", a respeito de muitos temas, a complexidade da vida moderna tem feito emergir muitas questões novas e delicadas, para as quais não se encontra uma clara posição. Por esta razão é ainda mais necessário desenvolver corretamente a educação moral, para que o jovem adventista do sétimo dia esteja apto a ter um discernimento crítico e bíblico, para que possa fazer julgamentos corretos em face das questões éticas cada vez mais complexas.

A importância de se considerar a perspectiva piagetiana sobre o desenvolvimento moral ocorre por duas razões principais. Em primeiro lugar como já foi dito, por ser uma importante visão contemporânea, que tem influenciado vários educadores seculares e até cristãos. O outro motivo é o fato de ser uma visão que privilegie os aspectos cognitivos e dentro da visão cristã-adventista a racionalidade é um importante aspecto a ser trabalhado no desenvolvimento moral. Tendo em vista os nossos objetivos pretendemos alcança-los neste ensaio da seguinte forma: em primeiro lugar, apresentar um resumo da obra de Piaget sobre moral analisando ponto por ponto, que ele estudou para tornar mais claro as suas propostas e conclusões sobre o desenvolvimento moral da criança. Em segundo lugar, procuraremos apresentar de forma sucinta a visão adventista sobre o desenvolvimento moral conforme apresentado por Ellen White, que é a principal escritora adventista. Por último pretendemos fazer uma comparação entre os dois sistemas e apresentarmos algumas conclusões para a prática educacional para educadores adventistas. Desta forma esperamos propiciar uma visão dos pontos convergentes e divergentes dos dois sistemas e o que um educador adventista pode usar na sua prática pedagógica.

Considerações iniciais sobre a obra de Piaget.

Piaget é talvez, a maior influência contemporânea na educação. É interessante este fato por que ele na realidade não tinha preocupações com a educação da

criança, mas em descobrir como o ser humano constrói o conhecimento. Na realidade a preocupação de Piaget em estudar a criança estava em entender a gênese do conhecimento humano. Ele via na criança a chave para compreender como se dava o desenvolvimento do pensamento humano. Toda a sua obra tinha em mente este objetivo, mas seu trabalho passa na realidade o trabalho por algumas fases. Uma fase bem marcada é a primeira que é composta por cinco livros. Esta finaliza-se com o livro "O Julgamento Moral da Criança." (1932). Esta primeira fase é assim chamada por causa da ênfase verbal do conhecimento infantil, ou seja ele valoriza nesta etapa as declarações infantis a respeito de diversos aspectos da realidade retirado os dados através de entrevistas com crianças.

O trabalho sobre moral que Piaget executa por este método teve como objetivo principal auxiliar a responder uma questão a respeito de como executar um educação laica. Este dado é importante na medida que diferentemente das outras obras, que ele privilegia questões teóricas, aqui ele vai privilegiar as questões práticas de uma educação moral, embora não chegue a apresentar um tratado de educação moral. Apesar de os estudos de Piaget sobre moral se resumirem a apenas uma obra, ela exerceu um profundo impacto no estudo da moral. Dá origem ao que podemos chamar de abordagem cognitivista da moral. Onde os aspectos do intelectuais serão enfatizados para estudo. A partir daí vários psicólogos trabalharão sobre referencial teórico de Piaget. Entre um dos mais destacados encontramos Kohlberg. Em nosso ensaio porém nos limitaremos as considerações de Piaget sobre o desenvolvimento moral. Como já foi exposto na parte introdutória procuraremos nesta primeira parte apresentar como se desenvolveu o trabalho de Piaget, a respeito do desenvolvimento moral, principalmente no que consiste a heteronomia e a autonomia moral que tanto são faladas, mas muitas vezes não compreendidas.

Piaget em seus estudos sobre moral focalizou os seguintes aspectos, que são em primeiro lugar o desenvolvimento das regras do jogo. Depois estudou sobre a inclusão da motivação nos julgamentos e por fim a cooperação e a noção de justiça. A compreensão desta trílice proposta é fundamental, para compreendermos a formação da moral infantil em sua perspectiva. Pode se observar que a obra segue um plano geral onde primeiro é visto a construção da regra. Piaget a este respeito considera o seguinte: "Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras (Piaget, pg.11)". Vemos a importância dada as regras para entendermos a moral. De fato sem regras é impossível haver um sistema moral. São elas que determinam o que é moral,

isto é, quando agimos em conformidade com as regras nós agimos corretamente e quando agimos em oposição dizemos que agimos erradamente. Piaget busca estudar como a criança identifica as regras. Como ela compreende o significado das regras, por que como Piaget observa este é o ponto de divergência sobre a moral. Para realizar este estudo Piaget busca uma prática genuinamente infantil (o jogo de bolinhas de gude) para verificar como neste caso as crianças identificam as regras sem um ensinamento direto dos adultos. Ele busca em seu interesse epistêmico o que seria construído pelo pensamento infantil. Piaget acredita que a ação precede o pensamento. Ele identifica, já na fase sensório-motora um estágio do desenvolvimento moral que seria a fase motora. A repetição feita pela criança seria já o precedente, entre outras coisas, do comportamento moral, que em certo sentido é um comportamento repetitivo . Isto no sentido que comportamento moral é agir segundo as regras. Ora este estágio inicial seria basicamente a repetição de práticas motoras. Muitas delas serão acompanhadas de um sentimento de obrigação, por causa do vínculo com pessoas respeitadas pela criança. Mas a sua preocupação ao compreender a consciência das regras é identificar a partir de que ponto a criança valoriza a regra e deseja segui-la. Assim ele vai buscar entrevistar as crianças para encontrar respostas a três questões: podemos mudar as regras? as regras sempre foram o que são hoje ?como começaram?(Piaget ,pg.47). Na busca de responder a estas questões, ele vai encontrar três etapas distintas. A primeira etapa que encontramos é o Egocentrismo. Esta etapa é caracterizada por a criança considerar a regra sagrada, inatingível e de origem adulta e eterna. Esta etapa teria esta característica por que a criança tem neste momento uma relação social de coação e não de cooperação. Para esclarecer o significado que Piaget faz destas palavras usamos sua própria definição: "É preciso distinguir, em todos os domínios, dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação, a primeira implicando um elemento de respeito unilateral, de autoridade, de prestígio; a segunda uma simples troca entre indivíduos iguais (Piaget,pg.53). "Então nesta fase a criança ainda não ter uma socialização real com o seu grupo, por esta razão é chamada egocêntrica porque implica em que ela ainda não compreendeu o significado social do jogo. A importância desta fase seria a presença da organização da atividade de forma regular ,de forma até ritualizada, por um lado e outro lado seria o simbolismo individual, ambos fundamentais para a formação das regras. A segunda etapa do desenvolvimento da consciência das regras foi chamado por Piaget de Cooperação. Nesta fase a criança começa a compreender primeiro, que a regra é estabelecida por um consentimento mútuo e ela pode ser alterada por um

acordo de todos , embora a regra ainda seja considerada importante. Finalmente a criança chegaria a um terceiro estágio que é o da Codificação de Regras. Neste estágio a criança, na realidade melhor dito juvenis passam a ter prazer na codificação das regras . As regras são regulamentadas ao extremo e são conhecidas e partilhadas por todos. Sobre o alcançar esta fase Piaget apresenta o seguinte ponto importante: "Tudo pode ser feito (alterar as regras do jogo), na medida em que nos obrigamos a respeitar as novas decisões. Assim a democracia sucede à teocracia e à gerontocracia; não há mais delitos de opinião, apenas de procedimento. Todas as opiniões são permitidas contanto que aqueles que as emitem procurem fazer com que sejam aceitas pelas vias legais. Mas, bem entendido que sejam opiniões, mais ou menos razoáveis"(pg.56). Ainda Piaget conclui quanto as suas questões iniciais que por estas razões expostas acima a criança deixa de considerar as regras como eternas e as crianças na última fase vem a origem do jogo como algo que surgiu apenas para divertir as crianças e suas regras para facilitar o jogo.

A importância destes fatos para Piaget é que, na realidade quando a regra de cooperação sucede à regra de coação, é que ela se torna um a lei moral efetiva(pg.60). Estas conclusões são baseadas em seus estudos com meninos e seu jogo de bolas de gude. Ele também estudou as meninas em seu jogo de pique e suas conclusões foram um pouco diferentes, no sentido de ele afirmar que as meninas teriam um senso jurídico ,menos desenvolvido que os meninos(p.66). Apesar destas conclusões não tão animadoras com as meninas, Piaget acreditava que a cooperação e o respeito mútuo são fundamentais para o desenvolvimento de um verdadeira moral. Piaget, porém ,é suficientemente realista para admitir que tais ideias nunca se verificam em sua totalidade. Ele admite que apenas uma parte de nossas regras são pensadas, apesar de sermos seres racionais. Há algumas discussões sobre como se originariam este respeito ao grupo, porém, não entraremos em discussão por acharmos que este tema é suficiente complexo e necessitaria uma discussão somente sobre este tema. O nosso próximo ponto de análise será de onde surgem o conceito de heteronomia e autonomia em Piaget.

O próximo ponto que foi estudado por Piaget refere-se ao conceito que ele denominou Realismo Moral .É o ponto em que ele vai buscar compreender como a criança enxerga as transgressões as regras. O realismo moral seria a "tendência da criança em considerar e os deveres e os valores como subsistentes em si ,independentemente da consciência e se impondo obrigatoriamente, quaisquer que sejam as circunstâncias às quais o indivíduo está preso"(pg.97). As três características deste realismo moral são dever é heterônomo, a regra deve ser observada ao pé da letra desconsiderando o

espírito e a concepção de responsabilidade é objetiva. Estes três pontos colocados por Piaget indicam que a criança não percebe a intencionalidade ou motivação para julgar um ato falho, bem como não perceber o que poderíamos chamar de o espírito da lei, isto é, áreas não explicitadas na lei mas que são alcançadas por um lei em seu sentido, mais amplo. Os estudos que Piaget fez nesta área foram questionando o pensamento da criança sobre como ela avalia certas ocorrências falhas. As questões escolhidas para estudo foram o julgamento infantil da criança sobre desajeitamentos, o roubo e a mentira. As histórias focalizavam normalmente uma situação com uma intenção boa que resultava em um prejuízo maior do que outra ação com uma má intenção mas de prejuízo menor. Os resultados indicavam que a criança pré-escolar era caracterizada por realmente avaliar a gravidade ou ofensa do ato em função do dano provocado. Para tornar mais claro este ponto poderíamos exemplificar dando o seguinte exemplo: "a) Era uma vez um menina chamada Maria. Ela queria fazer uma surpresa agradável à sua mãe, e cortou-lhe um vestido. Mas como não sabia mexer com a tesoura fez um grande buraco na fazenda. b) Uma menina chamada Marguerite foi procurar a tesoura de sua mãe, num dia que a mãe saía. Brincou um pouco com a tesoura e, como não sabia utilizar-se bem dela, fez um pequeno buraco em seu vestido". Estas duas situações são um dos vários dilemas que Piaget apresentou as crianças e constatou que as crianças pré-escolares respondiam apontando como mais grave a primeira situação ou seja o grande buraco era mais grave moralmente porque era maior ainda que a intenção fosse auxiliar a mãe. É interessante que este ponto se repete nas outras áreas estudadas pelas criança. Assim encontramos uma moralidade objetiva, isto é, não toma em conta ao avaliar o julgamento a intenção do ato por isto é chamado por Piaget de moral objetiva, por que só toma os dados externos, nos caso o prejuízo para efetuar o julgamento. Piaget faz, porém uma importante observação, que talvez a demora em a criança compreender a intenção do ato não seja tanto uma limitação da criança, mas mais o tipo de reação e castigo que os pais tem e executam quando elas cometem este tipo de deslizes. Assim Piaget esta atribuindo aos pais a possibilidade de retardarem o desenvolvimento moral da criança, através de agirem de forma também objetiva embora possam avaliar a intencionalidade do ato, mas podem por outro lado agirem de modo a valorizar a intencionalidade do ato e com isto estimular a criança neste sentido.

No mesmo grupo de estudos onde ele considera os desajeitamentos infantis ele estuda a mentira. Em seus dilemas ele procura comparar situações de transtorno a outro por equívoco e mentira que e percebida e a pessoa se livra do dano. Piaget observa que a criança pré-escolar tem dificuldades também

em julgar o que é mais grave, mas acaba tendo a tendência de considerar a gravidade do ato em função do dano ou da enormidade do fato, por exemplo se uma pessoa pede uma informação e a criança informa errado e a pessoa não alcança o seu destino, a criança julga como mais grave que quando a criança informou errado de propósito, mas a pessoa apesar disto alcançou o caminho. É significativo que ainda nesta fase a criança julga como moralmente mais grave a mentira que diríamos em uma linguagem popular "cabeluda" que uma sutil. Piaget identifica que sem dúvidas os pais trabalham no sentido de ensinarem a criança a não falar mentiras e que a criança vai compreender a importância de falar a verdade. Porém ele considera que é na relação com os seus colegas, que ele vai perceber o prejuízo da mentira, ou seja como a mentira é prejudicial as relações estáveis entre as pessoas e como ela prejudica o relacionamento. A razão para isto é, que o adulto está muito acima da criança e por isto ela não consegue perceber isto, na relação com o adulto embora, possa compreender em parte o dever de não mentir.(Piaget,pg.128-154). Apesar de defender que a mentira só é compreendida em toda a gravidade através da relação com os iguais, Piaget apresenta uma observação muito relevante do ponto de vista educacional: "É preciso notar, primeiramente, que, por mais adversários que sejamos de qualquer coação, mesmo moral, em educação não é possível, evitar completamente, dar à crianças ordens incompreensível para ela.(Piaget,p.155)". Este ponto é importante na medida que, Piaget reconhece a impossibilidade de sempre agir com a criança de modo que ela compreenda tudo que é dito ou proibido para ela. Para Piaget os resultados que ele obtém ao estudar estes pontos confirmam já os primeiros estudos sobre a consciência das regras no sentido da criança dirigir-se duma moral heterônoma para uma moral autônoma, isto é de um moral baseada na coação para uma moral baseada na cooperação.

O último grupo de pesquisas que Piaget faz sobre a moral trata sobre o desenvolvimento da noção de justiça. Este tema foi escolhido porque a justiça é um aspecto básico da moral afinal espera-se que toda moral para ser valida, seja justa. Além disto a uma outra razão que segundo entende Piaget o sentimento de justiça embora seja reforçado por preceitos e exemplo dos adultos, uma parte do desenvolvimento ocorre através da solidariedade e respeito mútuo que a entre as crianças.(Piaget,pg.174). Piaget vai estudar a justiça em forma de algumas variantes como: sanção e justiça retributiva, responsabilidade coletiva e comunicável, justiça imanente, e justiça distributiva. O estudo destas aplicações da justiça foram estudadas apresentando dilemas onde as crianças deveriam ou explicar qual o melhor procedimento ou responder a causa de certas ocorrências. Os resultados

indicavam do modo geral que as crianças preferiam , a medida que cresciam procedimentos mais justos no sentido de serem mais racionais e mais amplos, por exemplo a criança prefere nas questões de justiça distributiva inicialmente um conceito mais de igualdade e mais para frente um conceito de equidade, pois é necessário levar em conta as diferenças individuais para se fazer realmente justiça. Em particular, um tema estudado por Piaget, penso ser bastante útil ser aprofundado para melhor aplicação educacional é o que se segue. Quando Piaget analisa a justiça retributiva ele propõe duas formas de castigo. A primeira que, ele chama expiatória, é basicamente punir por punir, não tomando em consideração a natureza da transgressão para efetuar o castigo. A segunda seria de reciprocidade, na qual a punição toma em consideração a natureza da transgressão na disciplina. Para tornar mais claro este ponto apresentamos o seguinte exemplo : a criança está brincando e sua mãe solicita que compre pão para janta e a criança não o faz. Diante desta desobediência a mãe poderia aplicar uma disciplina expiatória batendo na criança ou deixando ela de castigo no quarto, por outro lado a mãe poderia na hora da janta não permitir que a criança comesse pão uma vez, que ela não foi compra-lo, que seria uma disciplina de reciprocidade. Os resultados obtidos por Piaget indicam que a medida que as crianças vão crescendo elas julgam o castigo de reciprocidade preferível ao expiatório. Por outro lado ele percebeu que em situações em aberto para que as crianças escolhessem o castigo do transgressor os castigos eram nitidamente cruéis e severos. Estes dados são interessantes por que eles indicam na direção de por um lado a busca de coerência na disciplina, e por outro lado indicam uma grande necessidade de que seja feita justiça e haja uma punição ao transgressor.

Resumindo o pensamento de Piaget poderíamos dizer que em seu trabalho ele procura descrever como a criança desenvolve uma moral racional que possibilite ela viver ajustada aos seus companheiros quando for adulta de uma forma democrática. Assim em seu trabalho ele ressalta a importância da relação entre iguais para o processo educativo.

Apresentação sobre a visão de Ellen White sobre o desenvolvimento moral.

Ao começarmos apresentar o trabalho de Ellen White devemos ter em mente que ela não apresenta um trabalho organizado sobre o desenvolvimento da criança com o objetivo de resolver questões científicas sobre o desenvolvimento infantil, mas sim para responder questões práticas da educação infantil. Por isto ela responde a consultas sobre o tema em diversas ocasiões diferentes por um período bem longo. Este fato de modo algum

impede porém de realizarmos um estudo sobre a sua visão do desenvolvimento infantil, mas requer que tomemos alguns tópicos para sistematizar o conteúdo por ela apresentado. Assim procuramos apresentar o conteúdo exposto por Ellen White a respeito do desenvolvimento infantil a partir de um sistematização pessoal. A ordem de pontos que estabelecemos começa ressaltando a importância do desenvolvimento moral, bem como os aspectos valorizados para o desenvolvimento da moral infantil, e suas considerações sobre o processo de socialização e os principais agentes do desenvolvimento moral.

A importância da moral para Ellen White é muito grande. Ela ressalta que é fundamental o desenvolvimento do caráter. A importância que ela dá a este fato está ligado a sua visão cristã do mundo. Segundo ela ressalta o caráter é o único bem que levaremos deste mundo para o mundo vindouro.(OC,161). Assim ela ressalta a moral como algo indispensável de ser desenvolvido. É importante ressaltar que este desenvolvimento moral não é o desenvolvimento de uma moral exterior, mas algo ligado a toda uma experiência religiosa. Esta idéia é bem perceptível no seguinte pensamento dela: "A germinação da semente representa o começo da vida espiritual, e o desenvolvimento da planta é uma figura do desenvolvimento do caráter. Não pode haver vida sem crescimento. A planta ou deve crescer ou morrer. Assim como seu crescimento é silencioso e imperceptível, mas contínuo, assim é o crescimento do caráter. Nossa vida pode ser perfeita em cada estágio de seu desenvolvimento; contudo, se o propósito de Deus para conosco se cumpre, haverá bastante progresso."(Ed.p.105 e106). Podemos observar na citação anterior a importância que é dado ao desenvolvimento do caráter, vincula-se aos aspectos espirituais e como algo fundamental para a experiência religiosa. Em outro local ela afirma o seguinte: "Jamais confiado aos mortais trabalho mais elevado que o da formação do caráter"(OC,163). Podemos concluir, conforme ilustrados por estes excertos, que o para Ellen White o desenvolvimento do caráter consiste no aspecto mais importante da experiência pessoal a ser desenvolvida e este trabalho começa já na infância com o processo educativo dos pais. Para tornar claro o que ela pensa sobre o conteúdo do caráter apresentamos a seguinte cita: "A resistência do caráter consiste de duas coisas - força de vontade e domínio de si mesmo".(CPPE,p.199). Podemos observar que o ponto alto ressaltado por Ellen White sobre o caráter é visto como algo relacionado a própria ação pessoal. Aqui gostaríamos de ressaltar que na visão dela o desenvolvimento moral tem como objetivo principal o desenvolvimento do domínio próprio, portanto voltado para uma esfera individual no sentido de ser algo que cada

um tem a desenvolver por sua ação, embora ela não perca de vista que isto está ligado a uma dinâmica espiritual e não um objetivo em si mesmo.

Queremos ressaltar ainda, que este desenvolvimento moral tem um referencial externo, que é a lei de Deus. O desenvolvimento do caráter tão esperado que seja efetuado tem um referencial externo e absoluto para verificação se está ou não bem desenvolvido. Ela afirma o seguinte sobre este ponto: "Deus espera que edificuemos caracteres de acordo com a norma que pós diante de nós."(OC.p.165). Esta norma que ela se refere é a lei de Deus em toda a sua profundidade, isto é considerando o espírito da lei e não apenas a sua letra. Neste ponto podemos identificar claramente que a moral para Ellen White é algo vinculado a religião.

Outro ponto importante a ser apresentado está ligado a qual o período mais importante para o desenvolvimento moral. Quanto a este ponto ela apresenta a importância do período pré-escolar na formação do caráter. Em um ponto ela fala sobre os primeiros sete anos (OC.p.193) e em outro sobre os três primeiros anos (OC.p.194). Não queremos aqui ficar discutindo qual das duas seria mais apropriada por que na realidade elas se concordam, no aspecto de valorizar os primeiros anos do desenvolvimento da criança. Aqui está o ponto fundamental sobre o período do desenvolvimento moral ele inicia-se desde cedo e não se deve esperar a criança ficar "velha" para ensiná-la, pois se isto for feito se terá perdido o principal período para o desenvolvimento moral e isto é muito grave.

A moral para Ellen White tem alguns aspectos básicos a serem desenvolvidos. Compreender quais são estes aspectos é fundamental para saber o que deve ser privilegiado no processo educativo da criança. O primeiro aspecto que pretendemos apresentar é o hábito. O hábito consiste em um ponto que precisa merecer uma delicada e considerável atenção. Ela afirma o seguinte: "É a repetição do ato que faz com que se torne hábito e molda o caráter, seja para o bem ou para o mal."(OC.p.164). Aqui ela apresenta a importância do hábito. Poderíamos dizer que o caráter é a somatória de nossos hábitos. Cada ação feita é um princípio de um hábito em potencial. A repetição desta ação sucessivamente dará origem ao hábito. Os nossos hábitos determinam a natureza do caráter. Assim se é dado espaço para uma ação errada esta será uma porta aberta para desenvolver um hábito prejudicial. Considerar a ação o ponto de partida para o desenvolvimento moral leva a considerarmos que o comportamento é fundamental para o desenvolvimento moral. Este ponto pode ser parecido com a visão behaviorista que enfatiza a ação, mas há um ponto fundamental a considerar. Ellen White não vê o homem como desprovido de tendências. O homem possui tendências e suas

tendências naturais são pecaminosas. Assim para formar um bom hábito é mais difícil do que formar um mau hábito, já que praticar uma má ação é espontâneo ao homem e a boa ação procede da atuação de uma força divina externa. Por esta razão ela afirma que todo ato da vida por mais insignificante que seja tem influências morais. É importante porém ressaltar que por mais que ela considere as ações fundamentais para o caráter ela não apresenta o caráter como uma construção imutável de hábitos. Se fosse este o caso não poderia haver desenvolvimento, mas apenas condicionamento. Ela reconhece a vontade como outro aspecto indispensável a ser desenvolvido e básico do caráter. Antes de entrarmos sobre o desenvolvimento moral queremos ressaltar que os hábitos devem ser desenvolvidos através de "um esforço brando e persistente" (OC.287). Isto indica que não é por força, mas pela perseverança que o caráter da criança será desenvolvido no sentido de possuir bons hábitos. A continua prática deste bons hábitos formará um caráter com um maior domínio sobre as inclinações negativas da vida.

Assim como por um lado os hábitos constituem um ponto fundamental a ser desenvolvido, a vontade é no complemento necessário para fundamentar os hábitos. A vontade para Ellen White não é porém um capricho ou uma inclinação, mas uma firme resolução que conduz o comportamento pessoal em obediência a lei de Deus(5T.p513). Este aspecto é fundamental pois indica, que a moral é desenvolvida na medida em que a criança aprende a dominar os seus próprios impulsos e inclinações. Ela deve submete-los pela sua vontade em conformidade com a lei de Deus. Aliás não é restringido a criança o desenvolvimento moral, embora sem dúvida esta tarefa deva começar como já vimos desde a mais tenra infância, sem contudo encerrar-se em algum momento. A vontade é desenvolvida pelo poder de escolha. Sem escolhas não pode haver desenvolvimento moral. Isto não significa que qualquer escolha em si mesmo fortaleça o desenvolvimento moral. Para que este desenvolvimento ocorra é necessário aliar a responsabilidade à liberdade. Quando a pessoa tem liberdade de escolha ela deve ser conscientizada de que também deve arcar com as suas escolhas. Obviamente em muitos períodos da infância a criança não tem como arcar com a responsabilidade de certas escolhas e aí que surge a necessidade de dosar as escolhas com sua madurez. A vontade portanto deve ser exercitada desde que a criança é pequena tendo em vista o seu próprio governo.(Ed.289).O domínio-próprio é o comportamento moral mais desejado dentro da esfera cristã porque ele seria a garantia de uma moral verdadeira. Diríamos a título de ilustração que a moral desejada para o cristão é aquela em que a pessoa mesmo quando não corre o risco de ser descoberta ela se mantém firme aos princípios interiores. A moral então teria uma motivação

intrínseca e não fatores extrínsecos como medo do castigo, vergonha pela descoberta ou evitar a culpa pela transgressão. Estes três pontos apresentados são comumente usados para conseguir um "bom comportamento", eles porém apresentam falhas no sentido de serem motivações externas e portanto não propiciam o verdadeiro desenvolvimento moral. Ellen White afirma que somente através do fortalecimento da vontade a criança terá um *êxito permanente*.(OC.p.209). Para conseguir esta moral além da oportunidade de escolha devemos aliar a racionalidade ao desenvolvimento moral.

A racionalidade é uma compreensão coerente das coisas. A este respeito ela afirma o seguinte: "Portanto ,logo que ela seja capaz de entendimento, deve alistar-se a sua razão ao lado da obediência.(...)Ajudai-a a ver que todas as coisas se acham subordinadas a leis, e que desobediência conduz finalmente a desastres e sofrimentos."(OC.287) Neste trecho encontramos claro o posicionamento dela a respeito do que consiste identificar uma moral racional. A racionalidade da moral é porque Deus estabeleceu os princípios e assim se ele proíbe algo ou ordena que seja feito algo é porque isto é o melhor para o ser humano. A moral verdadeira é coerente. Nunca é racional transgredir uma lei divina, porque elas foram colocadas para o bem estar do homem em seu relacionamento com o seu semelhante e também consigo mesmo. Os preceitos divinos para o homem também na perspectiva adventista favorecem o homem em si mesmo pois Deus fornece leis de saúde que zelam pelo bem estar do indivíduo independente da sua relação com o semelhante. A coerência da obediência é um ponto em que ela insiste muito, pois muitas vezes os homens desenvolvem muitas regras que são incoerentes frutos do seus próprios caprichos . Estas não desenvolvem a moral humana antes debilitam por muitas vezes criar na criança um sentimento de fardo pela obediência. Obscurecem assim o mandamento divino coerente e a obediência a eles um prazer , que previne o homem de futuros transtornos e aborrecimentos na esfera desta vida. O divino mandamento prepara o homem para ser um cidadão celestial. Para que a coerência possa ficar clara para a criança, deve ser explicado para ela as razões de certa proibição ou recomendação. A não observância deste ponto pode neutralizar a força de um mandamento positivo porque ele pode ficar incoerente na compreensão infantil por não permitir que ela considere a justiça. Assim buscar levar a criança compreender a justiça de um regulamento é tão importante quanto obedecê-lo. Pela exposição acima podemos perceber que precisamos considerar a importância dos pais no processo educativo.

Ellen White em concordância com o pensamento bíblico (Dt.6:4-6 e outros) coloca o lar como o principal agente educativo da criança na formação do caráter.(OC.170) Tendo em vista as colocações sobre qual é o principal

período de formação moral não podemos ter dúvidas sobre a importância do lar. O lar é o lugar primordial para a execução da tarefa do desenvolvimento moral da criança. Assim a tarefa dos pais é de soleníssima importância. Sobre a importância dos pais, Ellen White coloca que as crianças devem vê-los como representantes de Deus, na medida que eles são obedientes também a Deus. Assim a criança deve observar as orientações dos pais como sendo em conformidade com a vontade de Deus. (Ed.287) Ela porém, alerta os pais a não exercerem um atitude despótica e colocou bem claro que não é sempre que os pais agem em conformidade com Deus, é só quando eles são obedientes a Deus. Então suas orientações aos filhos devem ser consideradas como de origem divina. Outro ponto de advertência que ela faz aos pais, também aos professores, que darão continuação a tarefa do desenvolvimento do caráter da criança, é de não quebrarem a vontade da criança. Este ponto é sem dúvida o mais difícil da educação, como equilibrar a condução da vontade infantil sem destruí-la. A dosagem exata desta tarefa consistirá no segredo de uma educação cristã bem equilibrada.

Ellen White ainda fala sobre a tarefa dos pais no sentido de não criarem regras em demasia, pois o excesso de regras é tão prejudicial como a falta delas. (Ed.288). Mas isto não deve ser tomado como um rebaixamento da norma moral. Poucas regras justas e bem observadas farão muito mais bem que muitas regras e pouca vigilância sobre elas de modo que a criança possa formar a idéia que pode transgredir sem ter prejuízos para si. Este ponto é muito importante os pais não devem manter posições ou ordens que não tem como cumprir. A falta de firmeza em manter as regras debilita a formação moral. Lembremos que alguns parágrafos anteriores mencionamos sobre a importância da liberdade de escolha ser exercitada num ambiente que privilegie também a responsabilidade da criança. Quando os pais (ou os professores), não cumprem com as sanções prometidas, criam nas crianças uma ideia que podem transgredir e ainda se saírem bem. Mas há dano também quando é oferecido uma vantagem para um bom comportamento e quando a criança obedece e não é cumprido a promessa. Por esta razão Ellen White dá muita importância a questão de que existam poucas regras mas que sejam fielmente e rigorosamente obedecidas. A desobediência não deve ser tolerada (Ed.290). Além de ser muito importante como os pais lidam com a criança no sentido de desenvolver a sua força de vontade, é também importante o exemplo dado por eles. Ellen White coloca que os pais não devem esquecer que eles são modelos para seus filhos. Assim para efetuarem um verdadeiro desenvolvimento do caráter da criança, eles próprios devem estar desenvolvendo o seu próprio caráter no sentido de terem cada vez mais

domínio-próprio e desta forma serem um exemplo positivo para a criança. A importância de modelos é fundamental para que a criança visualize de forma objetiva e palpável a vantagem de uma pessoa com domínio-próprio. Mas não são apenas os pais que afetam o desenvolvimento moral da criança.

Um outro grupo que afeta a criança são os seus colegas. Quanto a esse Ellen White mantém algumas reservas. Ellen White acredita ser fundamental que os pais exerçam vigilância sobre os filhos e verifiquem o tipo de amizade em que eles estão envolvendo-se. Devem se lembrar que existe muita corrupção e imoralidade na conversa entre os iguais e que embora não se deva proibir amizade com crianças da mesma idade os pais não devem deixar as crianças soltas, iludindo-se que estão sempre fazendo o bem. Isto não quer dizer por outro lado que os pais devem sempre estar desconfiando de seus filhos a desconfiança também é prejudicial, mas existe um ponto de equilíbrio entre a confiança responsável e confiança iludida.

Até aqui apresentamos os pontos sobre o desenvolvimento infantil, que consideramos fundamentais para que tenhamos elementos para discutir o desenvolvimento moral da criança dentro da perspectiva piagetiana, como um exemplo de psicologia cognitivista e dentro da perspectiva adventista, tomando como ponto básico os escritos de Ellen White.

Comparação entre os dois modelos de desenvolvimento moral da criança e aplicações para o educador adventista:

Fazer uma comparação entre Piaget e Ellen White pode parecer estranho a primeira vista, mas quando consideramos a proposta adventista de integrar fé e ensino percebermos ser necessário compreender sistemas e proposta atuais em função de nossa visão de mundo. O primeiro ponto que pretendemos considerar são de ordem filosófica. Piaget é um autor secular, desprezando qualquer visão sobrenatural para compreender a realidade. Ele baseia-se em muitos pontos da proposta de Kant. Ele não é um fiel discípulo de Kant, mas segue o principal aspecto de Kant no sentido de buscar uma moral racional e universal. Há uma busca por estabelecer um moral baseada na razão que substituisse as morais fundamentadas em princípios religiosos. Não queremos aqui dizer que não haja elementos religiosos nas duas obras (Kant e Piaget), mas que a busca é no sentido de construir uma visão secular da moral. A proposta de Ellen White por outro lado está ligada diretamente ao estabelecimento de uma moral religiosa. Sua preocupação está em desenvolver um caráter que não apenas seja útil nesta Terra, mas também na vida que os fiéis em Cristo terão no Céu. Assim ela busca confirmar uma moral

estabelecida, que é a moral cristã e como se desenvolver dentro desta moral cristã. Este ponto é perceptivelmente em oposição a Piaget, porque ele deseja mostrar a moral democrática, enquanto a moral cristã é teocrática. Assim o educador cristão deve ter estes aspectos em mente quando lida com a obra de Piaget. Ele não está preocupado em formar súditos para o reino dos Céus, mas cidadãos para democracias. Por tanto a proposta dele em seu sentido é muito mais limitada do que a proposta cristã, embora tenha seu valor.

Outro ponto que precisamos considerar é que Piaget busca um sistema racional. Ele em seus estudos privilegia os aspectos cognitivos da moral, isto o juízo moral. A moral na realidade dentro da visão cristã ela ainda possui o comportamento em si e o sentimento moral, além do julgamento moral. Nos escritos de Ellen White sobre o tema ela embora considere fundamental aliar a inteligência ao desenvolvimento moral, considera na realidade mais importante a ação e também discute a respeito dos sentimentos moral. Por esta razão o prisma sobre o desenvolvimento moral em Ellen White entra em importância questões como o hábitos e a vontade, que não são aprofundados por Piaget.

Um outro aspecto decorrente deste é a questão da obediência as regras. No prisma de Ellen White este ponto é fundamental ,pois a obediência constitui-se uma aprendizagem básica no domínio da moral.; Piaget também descreve as crianças como fiéis as regras em seus brinquedos, mas considera mais importante quando a criança percebe a mutabilidade das regras e que elas podem ser estabelecidas por um consenso social. E aqui surge um ponto importante para o educador cristão adventista como ele pode lidar com este questão apresentada por Piaget deve rejeitar ou aceitar? Para respondermos a esta questão devemos ter algumas coisas em mente que precisamos fazer uma distinção entre o que chamaremos regras e leis ou princípios. As regras estariam ligados a uma série de regulamentos surgidos da tradição ou das leis humanas para regulamentar uma série de atividades entre os homens em suas atividades cotidianas como trânsito, trabalho, estudo, jogos e outras. De um outro lado nós teríamos as leis divinas ou princípios que seriam estabelecidos por Deus como norma para o relacionamento entre os homens e Ele e as relações entre os homens. Estas teriam um caráter eterno ,em oposição as regras, como nós denominamos ,que seriam mutáveis a partir de um consenso do grupo e que seriam mais justas a medidas que espelhem mais os princípios divinos e seriam menos justas ou até injustas a medida que se distanciam dos princípios divinos. Assim o educador adventista pode concordar com a importância da criança desenvolver no relacionamento entre os seus pares a noção de como elaborar regras e deve até aproveitar este desenvolvimento ,mas deve ter uma visão mais ampla do que um educador secular.

Aqui podemos aproveitar para discutir os termos apresentados por Piaget de heteronomia e autonomia. Estes termos precisam ser usados com cuidado por um educador cristão. A autonomia consiste em um governo próprio, isto é, as regras são estabelecidas pela própria pessoa. Neste sentido o homem estabelece as leis a partir de si mesmo, no fundo a ideia grega "O homem é a medida de todas as coisas". E a heteronomia seria quando as normas são colocadas por outros no caso elas seriam justificadas em sua obediência a uma tradição religiosa ou tradição dos antigos. Neste sentido não podemos concordar com a ideia de que o homem evoluído é o autônomo, pois dentro da visão bíblica a moral verdadeira surge da obediência a Deus. Agora um cristão ele tem capacidade de julgamento apurado, identifica a motivação como algo importante na tomada de decisões e portanto nesse sentido ele estaria dentro da moral autônoma descrita por Piaget, pois identifica as regras também como passíveis de mudança embora identifique que as leis divinas transcendem a capacidade de julgamento do homem. Então poderíamos dizer que um cristão adulto pode alcançar a autonomia no sentido de compreender a racionalidade das regras e compreender bem claro a diferença entre regras humanas e princípios divinos. Consideraremos agora a implicação disto para o educador adventista. O educador adventista deve ter em mente que a criança deve compreender que embora muitas coisas possam ser alcançadas por um consenso, este do ponto de vista espiritual não torna o acordado entre as partes uma verdade divina. Na realidade se as pessoas que buscaram estabelecer estas regras não tomam em conta os princípios divinos a uma grande possibilidade que eles sejam errados. Assim o educador cristão deve aproveitar esta etapa do desenvolvimento infantil e auxiliar no sentido de como elaborarem leis justas e como os princípios divinos auxiliam nesta obra. E incentiva-los a cumprirem as regras que eles mesmos estabeleceram, pois isto auxiliará no desenvolvimento da responsabilidade (Ed.290) Assim podemos concordar em parte com Piaget no sentido de perceber que as regras são mutáveis, mas devemos estabelecer que certos princípios divinos são imutáveis. Este trabalho, porém, deve ainda tomar em consideração o seguinte, em primeiro que o educador deve levar a criança e o adolescente a compreenderem a coerência dos princípios divinos. Encerra a discussão sem tornar claro a lógica e a coerência do princípio será uma forma de abrir a porta para que todos os princípios divinos sejam considerados ilógicos e como neste período a criança apela ao racional, isto poderá produzir danos consideráveis.

Outro aspecto que podemos comparar é o fato da importância dada aos agentes educacionais. Em Piaget não encontramos muita preocupação com a tarefa dos pais, isto não quer dizer que ele não acredite que os pais não

exercem influência sobre o desenvolvimento moral, mas ele privilegia a socialização da criança em seu meio como a moral de cooperação que ele busca. No sentido de Piaget a moral de cooperação é aquela que nasce das relações entre iguais. Ora a moral cristã não pode ser nesse sentido uma moral de cooperação, uma vez que nós estamos em um plano inferior a Deus. Para Piaget a moral ou é de cooperação ou é de coação. Mas dentro do pensamento de Ellen White a moral cristã não deve ser de coação, e este ponto é muito relevante, para ela a verdadeira moral cristã é uma moral de escolha. O indivíduo escolheria praticá-la por considerar esta melhor para sua vida do que outra forma moral. Ela não discute obviamente quais seriam as razões de uma perspectiva científica que levariam o indivíduo a efetuar uma escolha pela moral cristã, mas poderíamos sem sombra de dúvida considerar que entre os fatores atuantes dentro da esfera humana estariam em primeiro a compreensão da coerência das normas e em segundo modelos atrativos que exemplificaram em suas vidas os princípios cristãos. Não queremos aqui afirmar qual é o mais importante porque entendemos que ambos os fatores atuam de maneira conjunta.

Sobre o ponto de vista dos agentes educacionais encontramos uma nítida diferença entre os pontos apresentados por Piaget e Ellen White. Ela não tem uma visão muito positiva sobre as influências entre iguais no sentido moral. Isto ocorre não porque ela seja anti-social e despreze as relações entre iguais, mas porque identifica mais elementos que um juízo moral efetuado entre companheiros. Ela vê os iguais como uma força poderosa, que poderá ensinar muitas coisas desaconselháveis dentro de uma moral cristã. Assim importa que nas relações das crianças e adolescentes haja sempre pessoas mais experientes, que possam guiar as relações entre crianças e adolescentes até que eles tenham suficiente maturidade para avaliar o mal em toda a sua sutileza. Piaget não acredita em tendências pecaminosas e vê a criança mais como uma tábula rasa, por tanto sem predisposição para o mal. O educador adventista deve ter isto em mente quando estuda a proposta da interação entre iguais como o principal agente do desenvolvimento moral. Deve estar consciente esta idéia é oposta a visão cristã, que embora veja o homem sendo criado perfeito por Deus, hoje ele está após a queda e portanto dotado de uma índole pecaminosa, que permite muitas vezes até ele identificar o que é o melhor, mas deixa-o sem forças para executar o bem. Assim o educador cristão não valorizará as relações entre os iguais, como o mais importante ponto do desenvolvimento moral, mas não olvidará que esta também uma forma de desenvolver o caráter principalmente se for um grupo de jovens que estão buscando o crescimento espiritual. Neste caso será um importante aliado para a prática do educador cristão.

Mais um ponto que desejamos comparar entre os dois sistemas morais está vinculado a forma de castigo. Piaget em suas pesquisas encontra um dado significativo que é as crianças quando com oportunidade de escolher as sanções buscam aquelas que como ele chamou são de reciprocidade, ou seja tomam em conta a materialidade da transgressão para julgar qual o melhor castigo. Ellen White não discute estes termos mas apresenta que a criança não deve ser constantemente censurada (Ed.291). Além disso ela propõe que a criança deve ser conscientizada do seu erro e ser aliada para vencer a sua falta. Dentro destas considerações julgamos que aqui a um importante ponto de acordo entre os dois sistemas morais. Este aspecto é fundamental para o educador adventista, que deve ter em mente, que o castigo deve ter uma finalidade pedagógica, para mostrar a criança o mal que ela fez ao desobedecer. Ela deve se conscientizada e por esta razão, mais do que infligir dor a punição deve estimular a luta contra esta falta e também compreender o prejuízo de praticar uma ação errada. Não queremos dar a impressão que por considerar que a transgressão deve ser punida que Ellen White é contra a misericórdia, ao contrário ela afirma que antes errar pela misericórdia do que pela severidade. (Ed.294). Ela apenas deseja mostrar que sem sanções não pode haver um verdadeiro processo disciplina que é fundamental para o desenvolvimento do caráter.

Conclusão:

Após termos visto os pontos em que Piaget e Ellen White concordam e discordam sobre o desenvolvimento moral da criança e as implicações para o educador adventista, chegamos a conclusão do nosso artigo. Gostaria de encerrar apresentando os seguintes pontos para o educador adventista. Em primeiro lugar, lembrar que trabalhe sempre com parcimônia ao lidar com teorias seculares, a proposta de Piaget, embora tenha aspectos válidos tem críticas, mesmo de um ponto de vista científico. Assim não é um bom procedimento tomar suas posições como verdades incontestáveis. Em segundo lugar considerar que as informações que ele traz sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança oferecem bons subsídios se trabalhados dentro dos objetivos apresentados por Ellen White. Em terceiro lugar, considerar que há um material muito rico sobre este tema em Ellen White e que considerá-lo é fundamental para desenvolver uma genuína educação cristã. Além disso o educador cristão deve traçar metas claras para o desenvolvimento moral de seus alunos não esquecendo que o processo de desenvolvimento do caráter deve começar pelo seu próprio e que não existem formulas mágicas para garantir o

processo de desenvolvimento moral. O processo do desenvolvimento do caráter é uma obra difícil, mas recompensadora.

Bibliografia:

Piaget ,J. J. . O Julgamento Moral da Criança. (trad. Elzon Lenardon).S.Paulo, Editora Mestre Jou,1977.

White,E..Educação.Sto.André:Casa Publicadora Brasileira.

_____.Conselhos para Pais,Professores e Estudantes.Sto.André:Casa Publicadora Brasileira.

_____.Orientação da Criança Sto.André:Casa Publicadora Brasileira